

Sua Excelência Senhor Presidente da República,

Não terei, porventura, as palavras certas, mas cabe-me expressar, em nome de todos os que Vossa Excelência julgou por bem distinguir nesta cerimónia, a honra enorme que sentimos. Pode Vossa Excelência estar certo que também estamos bem cientes da responsabilidade que agora assumimos, a responsabilidade de fazer juz, no futuro, a tão elevada distinção.

Sentimo-nos particularmente felizes pela decisão de Vossa Excelência de distinguir hoje a Educação e a Ciência, pois não somos mais que representantes dos muitos colegas, quase todos mais jovens, que tanto têm feito pela Educação e a pela Ciência em Portugal.

Tenho para mim que a Educação e a Ciência são as mais nobres actividades do Homem: transmitir às novas gerações a experiência adquirida e os valores que, juntos, fomos construindo ao longo desta história de uns 200.000 anos; transmitir o conhecimento, a compreensão racional do mundo e de nós próprios, que a ciência vai produzindo.

Grande dita a nossa, a dos cientistas, pois nada de melhor se pode almejar do que contribuir para a libertação do Homem fazendo recuar a ignorância e a superstição, de contribuir para o futuro colectivo, resolvendo os problemas, todos os problemas, com que a humanidade se confronta.

Se a Educação é o princípio de tudo o que nos une, o vínculo individual a um passado comum e a base sobre a qual contruimos o presente, a Ciência é a única solução do futuro, de um futuro com menos violência e sofrimento, com mais justiça e liberdade, com mais esperança e tolerância.

Há já umas 10.000, talvez 15.000 gerações, que a espécie humana vem educando os mais novos, mas só nas últimas 10, se tanto, e só numa pequena parte do mundo, de maneira universal, gratuita e obrigatória. É extraordinário o quanto fizemos em tão pouco tempo. Não esqueçamos os ainda muitos milhões que continuam excluídos dessa universalidade, bem como aqueles a quem está ainda vedada a possibilidade de contribuir para o futuro comum. Ciência e Educação serão sempre os melhores motores do desenvolvimento e o seu alargamento a todos será sempre a

melhor estratégia para encontrar a diversidade dos talentos necessários à resolução dos problemas de todos nós.

Coisa extraordinária que é este insaciável desejo de compreender, que nos anima e inquieta, como extraordinário é também o inabalável optimismo, a certeza que seremos capazes de resolver todos os problemas, de desvendar as origens de tudo e de nós próprios, de derivar racionalmente as leis naturais que tudo governam. O objectivo da Ciência não é só inventar “smart-phones”. Como diz a lindíssima frase de Jacobi, que está hoje gravada em bronze no parque municipal de Bragança, “o fim único da Ciência é a honra do espírito humano”.

Muito obrigado.

Lisboa, aos 14 de Abril de 2015